

## Estudos de percepção sociolinguística: contribuições para a Linguística Teórica

Sociolinguistic perception analyses: contributions to Theoretical Linguistics  
Estudios de percepción sociolingüística: contribuciones a la Lingüística Teórica

### Gabriel Sales Duarte Bezerra

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Brasil  
gabriel-sales@outlook.com  
<https://orcid.org/0000-0001-9205-3334>

### RESUMO

Este trabalho objetiva descrever contribuições de estudos de percepção da variação sociolinguística para o desenvolvimento da Linguística Teórica. Para isso, discutimos os conceitos de *percepção*, *atitude* e *avaliação*, buscando delimitar as instâncias de cada um a partir da literatura disponível. Além disso, resenhamos estudos produzidos nessa perspectiva teórico-metodológica, destacando suas contribuições e justificando a sua relevância para a compreensão do mecanismo de mudança. Por fim, descrevemos o papel da percepção no que diz respeito ao fornecimento de evidências para o desenvolvimento de um modelo representacional. Com isso, é demonstrada a complementaridade entre métodos e objetos de estudos de produção e de percepção para o aperfeiçoamento da pesquisa e consequente ampliação do conhecimento sobre a natureza da capacidade de comunicação linguística.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sociolinguística; Avaliação; Percepção.

**ABSTRACT**

*This paper aims to describe the contributions of studies on the perception of sociolinguistic variation to the development of Theoretical Linguistics. To achieve this, we discuss the concepts of perception, attitude, and social evaluation, aiming to delineate the scope of each one. Additionally, we review studies produced within this theoretical and methodological perspective, highlighting their contributions and justifying their relevance to understanding the mechanism of change. Finally, we describe the role of perception in providing evidence for the development of a representational model. With this, the complementarity between methods and objectives of production and perception studies is demonstrated, contributing to the enhancement of research and the consequent expansion of knowledge about the nature of the linguistic competence.*

**KEYWORDS:** *Sociolinguistics; Evaluation; Perception.*

**RESUMEN**

*Este trabajo tiene como objetivo describir las contribuciones de los estudios sobre la percepción de la variación sociolingüística para el desarrollo de la Lingüística Teórica. Para ello, discutimos los conceptos de percepción, actitud y evaluación, buscando delimitar las instancias de cada uno a partir de la literatura disponible. Además, revisamos estudios realizados en esta perspectiva teórico-metodológica, destacando sus aportes y justificando su relevancia para la comprensión del mecanismo de cambio. Finalmente, describimos el papel de la percepción en relación con el suministro de evidencias para el desarrollo de un modelo representacional. Con esto, se demuestra la complementariedad entre los métodos y los objetos de estudio de producción y percepción para el perfeccionamiento de la investigación y la consecuente ampliación del conocimiento sobre la naturaleza de la capacidad de comunicación lingüística.*

**PALAVRAS-CLAVE:** *Sociolingüística; Evaluación; Percepción.*

## 1 Introdução

A correlação entre linguagem e percepção vem sendo estudada por diferentes campos da Linguística, como a Fonética, a Neurolinguística e a Sociolinguística. A título de exemplo, na Fonética Experimental, há trabalhos como o de Levon (2016), que buscam identificar quais traços acústicos e prosódicos caracterizam a fala de determinado grupo, por meio da exposição de avaliadores a áudios com traços controladamente modificados. Outros, como o de Miranda, Moraes e Rilliard (2020), investigam os limites do sistema perceptivo. Esse estudo, em específico, caracteriza a percepção de significados pragmáticos como multimodal, ao indicar que tanto informações sonoras quanto visuais contribuem para a correta identificação de informações. Nesse sentido, os resultados desse estudo se alinham à hipótese de percepção como

um componente cognitivo geral, em oposição à interpretação de um componente interno (e dedicado) à linguagem.

Neste trabalho, nosso foco recai sobre o tratamento da percepção no âmbito da Sociolinguística, isto é, sobre a percepção sociolinguística (a ser definida na seção 2). Objetivamos apresentar a relevância de estudos de percepção sociolinguística e esclarecer alguns termos comumente empregados em pesquisas da área. Para isso, recapitulamos os resultados de alguns estudos realizados desde a década de 60 e destacamos as contribuições que eles trouxeram para o entendimento da Linguística Teórica.

As páginas seguintes estão organizadas da seguinte maneira: na seção 2, discutimos os conceitos de percepção, atitudes e avaliação, buscando delimitar as instâncias de cada um a partir da literatura. Além disso, delimitamos, com base nos trabalhos apresentados, o que entendemos sob o rótulo de Percepção Sociolinguística. Na seção 3, resumimos resultados de alguns estudos de percepção, destacando suas contribuições e justificando a relevância de pesquisas dessa natureza. Na seção 4, discutimos a correlação entre percepção e modelos de gramática, a partir, principalmente, das propostas de Monitor Sociolinguístico (LABOV *et al.*, 2011) e de Modelos de Exemplares (BYBEE, 2001; PIERREHUMBERT, 2001). Na seção 5, expomos nossas últimas palavras, resumindo a discussão promovida e apresentando reflexões finais.

## 2 Percepção, atitudes e avaliação

Os termos que integram o título desta seção são comumente empregados em estudos de percepção sociolinguística, ora com referentes distintos, ora com o mesmo referente. Apesar dessa aparente confusão, a literatura possibilita que determinemos percepção, atitudes e avaliação como diferentes construtos – embora correlacionados –, como será visto a seguir.

Poeppl *et al.* (2019, p. 651) definem percepção como um processo cognitivo mais geral e automático. Conforme os autores, a percepção diz respeito ao “conjunto de operações que toma como *input* sinais acústicos capturados pelo sistema auditivo e que gera como *output* as representações que constituem as estruturas submetidas a operações de compreensão linguística”. Tal definição está alinhada à primeira acepção da entrada *percepção* no Dicionário Houaiss (2009): “faculdade de apreender por meio dos sentidos ou da mente”. Diferencia-se, entretanto, da segunda acepção registrada no mesmo dicionário: “consciência (de alguma coisa ou pessoa), impressão ou intuição”.

As duas faces da percepção evidenciadas no dicionário são tratadas por Squires (2016) e Drager e Kirtley (2016) sob diferentes rótulos: *perceiving* e *noticing*. Nessa perspectiva, a *percepção* (*perceiving*) da sequência sonora correspondente a “minha tia fez um bolo” envolve as atividades cognitivas implicadas em sua decodificação e viabiliza a interpretação linguística. O

processo perceptivo, entretanto, não necessariamente envolve o reconhecimento pelo ouvinte da possível produção de um glide na pronúncia de “fez”. Para isso, seria necessária certa instância de *atenção* (*noticing*), que, por sua vez, pode levar à *consciência* da variação [ˈfes#]~[ˈfejs#].

No que diz respeito às atitudes, um consenso entre diversos trabalhos das áreas de Psicologia Social e de Sociolinguística é a dificuldade para delimitar uma definição para esse termo. Na tentativa de estabelecer uma definição, Garret (2010) retoma, dentre outros autores, Oppenheim (1982, p. 39), para quem atitude é “um construto, uma abstração que não pode ser diretamente apreendida”. Por ser abstrata, uma atitude deve ser inferida por outros processos com concreta capacidade de manifestação, alguns já elencados por Oppenheim, como estereótipos, crenças, manifestações verbais, reações, ideias, opiniões etc. Esses processos, por sua vez, são orientados por atitudes e, por isso, permitem sua identificação<sup>1</sup>.

Como observa Garret (2010), embora atitudes sejam abstratas, isso não significa que sejam algo inventado, mas uma realidade mental. O método inferencial por trás da identificação de atitudes faz parte da nossa convivência em sociedade e pode ser observado, por exemplo, quando ouvimos alguém manifestar emoções positivas em relação a determinado grupo político e deduzimos que dele seja parte, ou, pelo menos, que não registre atitudes negativas contra aquele mesmo grupo. Esse método é também incorporado, com rigor científico, aos estudos sociolinguísticos que se dedicam ao tema e que correlacionam comportamentos e declarações dos indivíduos a determinadas atitudes em relação a uma variável (ou até variedade) linguística.

Tendo em vista essa pluralidade de objetos a que atitudes podem ser correlacionadas, Garret (2010) define esse construto como uma orientação avaliativa para um objeto social de natureza qualquer, seja uma língua, um grupo, um estilo de roupa ou mesmo um corte de cabelo. Por ser uma disposição, o autor admite que uma atitude detém certa estabilidade, o que permite sua identificação. Isto é, por ser estável, traços semelhantes podem ser identificados em diferentes comportamentos que apontem para uma mesma atitude, um mesmo padrão avaliativo de determinado objeto social.

Por essa definição, percebemos que atitude e avaliação estão imbricadas: uma atitude prevê uma orientação avaliativa que é inferida de comportamentos concretos. Garret (2010) afirma que a estrutura de atitudes é geralmente interpretada como tripartida<sup>2</sup>, envolvendo um componente cognitivo, que contempla as crenças do indivíduo e o significado social atribuído a objetos; um componente afetivo, que envolve sentimentos de

---

<sup>1</sup> Cargile (2002) argumenta, a partir dos resultados de alguns experimentos, que manifestações avaliativas não são a melhor forma de eliciar atitudes. Apesar disso, não temos, ainda, conhecimento de outro método que permita acessar esse construto, dada sua natureza abstrata. O autor defende que pesquisas futuras visem ao desenvolvimento de uma metodologia mais eficiente.

<sup>2</sup> Outros autores, como Ladegaard (2000), também assumem esse modelo.

aprovação ou desaprovação em relação a um objeto; e um componente comportamental, que apresenta tendências ou predisposição para agir de maneiras normalmente – mas não sempre – coerentes com os julgamentos cognitivo e afetivo.

É justamente sobre os componentes cognitivo e afetivo que se debruçam os estudos dedicados à avaliação de formas em variação, na tentativa de eliciar o significado social das variantes linguísticas e seu grau de consciência social. Labov (2008 [1972]), por exemplo, parte de um entendimento de avaliação como correlato subjetivo da estratificação social de formas variantes. O nível de saliência de uma forma incita um maior nível de consciência social, que, correlacionado à variação estilística, culmina na definição das categorias indicador, marcador e estereótipo<sup>3</sup>.

A interação entre avaliação e estilo que leva Labov ao estabelecimento dessas três categorias de variáveis também é contemplada por Garret (2010), mas com referência a atitudes. Conforme o autor, atitudes linguísticas e as normas socioculturais com que elas se relacionam integram nossa competência linguística, logo, é natural que controlemos o modo como falamos a depender de como queremos soar para o ouvinte – um jogo interacional que envolve, inclusive, a antecipação da reação do ouvinte à nossa produção, ou seja, uma inferência de suas atitudes e, a partir disso, uma tentativa de previsão comportamental. É natural, também, que nossas reações às produções linguísticas de outras pessoas sejam guiadas por nossas próprias tendências avaliativas.

Assim, as atitudes, e, por definição, a avaliação linguística, moldam a linguagem em duas vias: na produção e na percepção. Falar em percepção sociolinguística, então, é fazer referência a todo o pacote de mútua influência que envolve percepção, atitudes e avaliação. Assumiremos esse rótulo nas seções seguintes, mas cientes de que esse é um todo passível de divisão, conforme demonstrado.

### **3 Por que estudar o componente perceptivo?**

O papel do componente perceptivo na variação e mudança linguísticas é reconhecido desde Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), que estabeleceram, entre os cinco problemas empíricos para o estabelecimento de uma teoria da variação e mudança, o chamado problema da avaliação. De acordo com os autores, uma teoria dessa natureza deve ser capaz de sistematizar os correlatos subjetivos das variáveis, bem como de determinar

---

<sup>3</sup> Classificações de variáveis de acordo com o tipo de avaliação recebida e com o grau de consciência social. Indicadores são caracterizados por não desempenharem função estilística e não receberem avaliação social. Marcadores, por sua vez, embora estejam abaixo do nível de consciência, exibem certo grau de estratificação estilística e social. Já estereótipos estão acima do nível de consciência e são geralmente alvos de avaliação explícita (Labov, 2008 [1972]).

seu nível de consciência social, o que não pode ser feito apenas pela observação da estrutura linguística, isto é, de modo limitado a estudos de produção.

Apesar disso, é sabido que, com o estabelecimento dos métodos de coleta e análise característicos da Sociolinguística, estudos de produção tomaram a frente, ficando os de percepção à parte, com menor volume de pesquisas, ainda que a teoria já reconhecesse sua relevância. Nesta seção, destacamos algumas contribuições de estudos de percepção para o desenvolvimento da linguística teórica e para o conhecimento do papel da variação no processamento linguístico.

Iniciemos nosso percurso revendo Labov (2008 [1972]), que promoveu análise da avaliação social da produção e do apagamento do *r* pós-vocálico na fala da cidade de Nova Iorque, em um contexto de mudança linguística em favor da realização da consoante líquida. Nesse estudo, com uso da técnica de falsos pares (*matched-guise*)<sup>4</sup>, proposta por Lambert *et al.* (1960), 22 frases foram isoladas de leituras padronizadas feitas por 5 mulheres. Cada frase foi reproduzida duas vezes ao final de uma entrevista sociolinguística, em que o informante já havia feito leitura prévia do texto lido nas gravações.

Os participantes foram, então, orientados a avaliar as gravações em uma escala de adequação profissional, em que figuravam profissões de maior e de menor prestígio, a exemplo de personalidade de TV, secretária executiva e operária. Os resultados indicaram que, no geral, a produção do *r* é positivamente avaliada pela comunidade mais jovem, atingindo o ápice entre os falantes de 18 a 39 anos, que apresentaram avaliação bastante uniforme. Os indivíduos a partir de 40 anos, porém, apresentaram forte preferência pelo apagamento.

Esses resultados desempenharam grande contribuição para a definição de comunidade de fala estipulada por Labov (2008 [1972]). Para o autor, uma comunidade não é definida pela produção das mesmas formas linguísticas, mas pelo compartilhamento das mesmas normas, que incluem a avaliação subjetiva. Por essa perspectiva, Labov concluiu que falantes mais jovens e mais velhos de Nova Iorque, à época da análise, constituíam diferentes comunidades de fala, por apresentarem diferentes avaliações subjetivas da produção e do apagamento do *r*.

Estudos que se dedicam ao mapeamento do significado social de formas em variação, como o de Labov (2008 [1972]), têm revelado o papel do componente subjetivo sobre processos de variação e mudança, sendo a indexação social capaz de estimular ou de reter o espraiamento de um fenômeno linguístico. Silva e Aguilera (2014), por exemplo, estudaram as

---

<sup>4</sup> Técnica de estudo de atitudes caracterizada pela apresentação, a avaliadores, de pares de estímulos diferenciados em relação a uma variável linguística, apenas. Os pares podem ser constituídos de produções linguísticas de um mesmo informante (*matched-guise*) ou não (*verbal-guise*). Assim, diferenças avaliativas entre os elementos de um par podem ser atribuídas, com certo grau de segurança, à variável linguística que os diferencia.

atitudes linguísticas de falantes naturais das cidades de Pitanga e Londrina, no estado do Paraná. O fenômeno focalizado foi a realização, em sílaba átona final, da vogal média pretônica anterior, que, em Pitanga, se concretiza majoritariamente como [e], ao passo que, em Londrina, sofre processo de alçamento, concretizando-se como [i].

O experimento envolveu a participação de dois ledores, um pitanguense e outro londrinense, que tiveram suas vozes gravadas enquanto liam um texto padronizado, referente a uma receita de bolo. Nesse caso, o par de estímulos não foi gravado pelo mesmo indivíduo, caracterizando a variação *verbal-guise* da técnica de falsos pares. Uma vez que os ledores eram pertencentes a diferentes grupos sociais, os dois áudios assumem dois índices de diferenciação: a produção característica de cada comunidade de fala, pitanguense e londrinense, e características referentes à própria qualidade de voz de cada ledor.

Após as gravações, os áudios foram ouvidos por doze informantes, que registraram suas avaliações em uma ficha com 16 itens, envolvendo, entre outros aspectos, beleza, inteligência e escolaridade. De modo geral, os resultados apontaram uma avaliação mais positiva da fala londrinense, com apenas 20% de respostas favoráveis à produção característica da cidade de Pitanga.

As autoras identificaram que o grupo minoritário registrou tendência desfavorável em relação à própria fala, indicando que assumem como forma prestigiada a produção alçada da vogal média átona final de vocábulos. Sabendo que atitudes linguísticas têm o poder de favorecer ou desfavorecer mudanças, esse resultado motivou o seguinte questionamento das autoras: estaria a produção média alta da vogal átona final em processo de desaparecimento, motivado pelas atitudes negativas a ela associadas? Embora ainda não seja possível responder a essa pergunta, o registro dos padrões avaliativos da comunidade, certamente, é de grande contribuição a longo prazo, para o entendimento dos mecanismos por trás de possíveis mudanças linguísticas consolidadas ou retraídas no futuro.

Já Oushiro (2015) investigou percepções sociolinguísticas da pronúncia do /R/ em coda silábica em São Paulo, especificamente das variantes tepe e retroflexa. Partindo das produções de 4 informantes, foram utilizados 4 pares de estímulos digitalmente manipulados. Cada par continha um estímulo caracterizado pela produção de tepe e outro com realização retroflexa do /R/. Os estímulos foram apresentados a 185 indivíduos residentes da cidade de São Paulo, acompanhados de um questionário envolvendo a avaliação de aspectos de associação geográfica, classe social, escolaridade e atributos como beleza, caráter e amigabilidade.

Os resultados indicaram que a variante tepe é mais relacionada à capital do estado, especificamente às áreas mais centrais, em que vivem pessoas de *status* socioeconômico mais alto. A variante retroflexa, por outro lado, é associada ao interior do estado e a áreas periféricas da capital. Além

disso, a produção retroflexa do /R/ é, no geral, percebida como menos formal, característica de indivíduos menos escolarizados e de posicionamento mais baixo na hierarquia socioeconômica.

Trabalhos na perspectiva dos de Silva e Aguilera (2014) e Oushiro (2015) demonstram associações entre formas linguísticas e generalizações identitárias. Ou seja, determinadas produções, por serem características da fala de um grupo, podem vir a ser evitadas ou estimuladas, a depender da imagem de si que o falante deseja construir para seu interlocutor. Geralmente, grupos minoritários tendem a avaliar mais positivamente a fala de grupos socialmente mais prestigiados, ainda que não corresponda efetivamente à sua própria produção linguística – como identificado por Silva e Aguilera (2014) e também por outros estudos, como o de Lambert et al. (1960). Tal prestígio se estende às peculiaridades linguísticas do grupo, que passam a ser índices de valor social. O mapeamento da percepção de variantes linguísticas e dos valores a elas associados, portanto, é capaz de fornecer justificativas socialmente motivadas para processos de mudança.

Outro estudo de grande contribuição para o entendimento do papel da percepção é o de Casasanto (2010), que investigou como os indivíduos, na posição de ouvintes de uma mensagem, utilizam seu conhecimento sobre variação sociolinguística. Para isso, a autora realizou dois experimentos, que partiram do fenômeno de apagamento de oclusivas [t, d] no inglês – *fas(t) car* (carro rápido); *ban(d) practice* (ensaio de banda) –, uma variável cujas descrições (Rickford, 1999; Wolfram, 1969) indicam um forte condicionamento social relacionado à etnia, sendo o apagamento mais frequente na fala de indivíduos negros do que na fala de brancos.

O objetivo do primeiro experimento era investigar se a associação entre apagamento e etnia fazia parte do conhecimento sociolinguístico dos participantes. O *design* do experimento envolveu a produção de dois questionários, A e B, cada um com 24 estímulos e 12 distratores. Os estímulos do questionário A eram compostos por sentenças escritas conforme a ortografia tradicional. Já os estímulos do questionário B consistiam em versões das sentenças do primeiro questionário com apagamento de oclusivas [t, d], representada na grafia com uso de apóstrofo (*fas' car*).

Acima de cada sentença dos questionários, havia fotos de um falante branco e outro negro. O papel dos 111 participantes era de julgar qual dos dois possíveis falantes teria dito cada sentença. A expectativa era de que, se a associação entre etnia e apagamento fosse parte do conhecimento sociolinguístico do respondente, seriam atribuídas mais sentenças com apagamento à fala de negros do que à de brancos. Os resultados do experimento corroboraram tal expectativa: 60% das sentenças com apagamento foram atribuídas aos falantes negros. Além disso, 58% das sentenças com presença da consoante foram atribuídas aos brancos, indicando que os participantes têm, de fato, algum tipo de conhecimento quantitativo

que permite estabelecer correlação entre determinada variável e um grupo étnico.

Diante do resultado obtido, o segundo experimento de Casasanto (2010) analisou quais tipos de inferências os ouvintes fazem com seu conhecimento da variação. Com esse objetivo, a autora isolou pares iniciais de sentenças cujo conteúdo fosse idêntico, exceto por uma palavra, que deveria diferenciar-se de seu par opositivo pela presença de uma oclusiva final, a exemplo de *mast/mass* (mastro/missa). Em contextos que favoreçam a aplicação da regra de apagamento de oclusivas [t, d], anteriormente discutida, *mast* é pronunciada exatamente como *mass*. Então, Casasanto testou se, quando de frente a uma ambiguidade causada por homofonia, os ouvintes recorrem a seu conhecimento probabilístico, visto no experimento 1, para resolver tal ambiguidade.

Participaram dessa etapa da pesquisa 44 falantes de inglês, que foram expostos a 98 gravações de porções iniciais de sentenças, sendo 74 delas distratoras. No caso dos 24 estímulos, após a reprodução da gravação do início da sentença, duas possibilidades de complementação apareciam na tela, conforme o exemplo abaixo, extraído de Casasanto (2010, p. 46).

The [mæs] probably lasted... (*o mastro/a missa provavelmente durou...*)

a) ...through the storm. (*...pela tempestade*)

b) ...an hour on Sunday. (*...por uma hora no domingo*)

O papel dos participantes era o de escolher a possibilidade de continuação que mais coerentemente complementava a sentença ouvida. No exemplo apresentado, a) corresponde melhor à interpretação de [mæs] como *mast* (mastro), enquanto b) corresponde melhor à interpretação de uma forma subjacentemente sem oclusiva, *mass* (missa).

Cada porção inicial de sentença era pareada à foto de um indivíduo, o suposto falante por trás de cada gravação. A hipótese de Casasanto, nesse segundo experimento, era: se o ouvinte utilizasse seu conhecimento da correlação entre o fator étnico e o fenômeno de apagamento de oclusivas para resolver a ambiguidade apresentada, seria esperada uma seleção mais rápida da complementação que correspondesse à presença de oclusiva subjacente quando a foto do suposto falante fosse de um rosto negro. Como sugerido pela hipótese formulada, o tempo de resposta foi medido no experimento.

Os resultados do estudo foram favoráveis à hipótese, reforçada pela identificação de que os participantes selecionavam mais rapidamente a opção coerente com uma forma subjacente sem oclusiva (*mass*) quando viam um rosto branco. Em suma, os dois experimentos relatados demonstram que os indivíduos fazem correlações entre comportamento linguístico e características socioculturais, com um mapeamento quantitativo dessas

correlações. Além disso, esse conhecimento é mobilizado no processamento linguístico, sendo utilizado até mesmo para a resolução de ambiguidades.

Em síntese, o estudo de Labov (2008 [1972]) viabilizou a formulação de um importante construto teórico, enquanto os de Silva e Aguilera (2014) e Oushiro (2015) explicitaram o caráter veiculador de traços identitários da língua. Por sua vez, Casasanto (2010) evidenciou o papel cognitivo do conhecimento sociolinguístico no processamento e na realização de inferências. Em comum, os resultados desses trabalhos foram possibilitados por estratégias de investigação que envolvem o leque do que aqui tratamos como percepção sociolinguística. Estudos de produção, de certa maneira, oferecem suporte para a realização de experimentos de percepção como os descritos. Entretanto, os resultados apresentados não poderiam ser inferidos da pura observação da estrutura linguística, como observam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]).

Esperamos, com esse breve levantamento bibliográfico, que tenham sido esclarecidas algumas contribuições do estudo do componente perceptivo. Na seção seguinte, veremos como estudos de produção culminaram na apreensão de um mecanismo cognitivo responsável por lidar com a sensibilidade quantitativa à variação linguística, como a relatada por Casasanto (2010). Veremos, ainda, uma proposta teórica de organização mental do conhecimento linguístico que alia produção e percepção.

#### **4 Percepção e modelos de representação e de análise do conhecimento linguístico**

Resultados de experimentos de percepção sociolinguística, como os descritos na seção anterior, têm contribuído para o aprimoramento dos modelos de análise vigentes, que passam a incorporar aspectos perceptivos na representação linguística, na tentativa de entender e representar como produção e percepção se relacionam.

No campo de estudo de percepção da variação, especificamente, duas principais propostas – por vezes concorrentes, mas não necessariamente excludentes – são o Monitor Sociolinguístico (Labov *et al.*, 2011) e os Modelos de Exemplares (Bybee, 2001; Pierrehumbert, 2001). A primeira dá margem para o tratamento do aparato perceptivo como exterior à gramática e, por essa razão, parece ser compatível inclusive com modelos homogeneizadores de gramática – mesmo que reinterpretados, em certa medida, de acordo com os princípios da Sociolinguística<sup>5</sup>. A segunda, por sua vez, é veementemente oposta à homogeneização e concebe a representação linguística como estruturadora das heterogeneidades, composta por nuvens de exemplares que integram informações detalhadas de produção e percepção.

---

<sup>5</sup> Discutiremos essa reinterpretação mais a diante.

A hipótese do Monitor Sociolinguístico, conforme proposta por Labov *et al.* (2011), surgiu de uma investigação sobre a sensibilidade de indivíduos a diferenças quantitativas na produção de variantes de uma mesma variável linguística. No estudo em questão, foram investigadas respostas às realizações [in]~[ɪŋ] do morfema {-ing}, considerando as variedades do inglês faladas nos estados americanos Pensilvânia, Carolina do Sul e Nova Hampshire.

O método empregado na pesquisa envolveu a confecção de faixas de áudio digitalmente manipuladas para que apresentassem diferenças percentuais progressivas em relação às realizações das variantes [in] e [ɪŋ]. Os áudios, então, foram submetidos a avaliações por juízes orientados a ranquear a adequação profissional de cada áudio ao âmbito jornalístico – contexto em que são esperadas produções mais próximas da norma de prestígio – em uma escala tipo Likert de sete pontos<sup>6</sup>.

Os resultados indicaram que os juízes são capazes de perceber diferenças quantitativas inferiores a 10% de ocorrência das variantes. Além disso, áudios com maior percentual da variante [in], no geral, receberam as piores avaliações, estabelecendo uma curva crescente de penalização que acompanha a progressão percentual de 0 a 100%. Isso significa que, quanto maior era a porcentagem de ocorrência da variante estigmatizada, maior era a penalidade atribuída na escala Likert de adequação profissional.

Foi identificado ainda que a primeira ocorrência de [in] nas faixas de áudio é a que contribui com mais impacto para a avaliação negativa refletida na escala Likert. O impacto das ocorrências seguintes, embora menor, é proporcional ao aumento do número de ocorrências. Desse modo, o impacto da segunda ocorrência é de 50% em relação à primeira, e assim por diante. Uma implicação importante desse resultado destacada pelos autores é que, para o ouvinte, enquanto a primeira ocorrência pode representar uma surpresa, por corresponder a um desvio da norma esperada para o contexto, as últimas já não são inesperadas, pois já são reconhecidas como características do falante, justificando o baixo impacto na escala.

Embora a hipótese do Monitor Sociolinguístico não constitua em si mesma um modelo representacional, a proposta parece complementar modelos que não dão conta, em sua própria formulação, da sensibilidade quantitativa à variação linguística, uma vez que descreve de maneira bastante refinada propriedades do aparato perceptivo. Labov *et al.* (2011) afirmam que o Monitor não é um construto teórico, mas uma propriedade observável, como demonstrado pelos experimentos realizados no estudo. Além disso, os autores não concluem se o Monitor é um componente interno ou externo à

---

<sup>6</sup> O estudo em discussão reporta resultados de 4 experimentos, além das replicações em diferentes estados. Tentamos contemplar, de modo geral, os resultados de todos os experimentos, embora, por limite de espaço, não apresentemos as minúcias metodológicas de cada um. Esclarecemos, porém, que todos os experimentos derivam do desenho aqui descrito, com algumas especificidades metodológicas que podem ser consultadas no texto original.

gramática, isto é, se é um módulo dedicado à língua ou se faz parte de um domínio perceptivo geral<sup>7</sup>, licenciando, pelo estado atual da arte, a complementaridade entre a hipótese do Monitor e modelos de gramática diversos, como os de base gerativa.

A ausência de conclusão não exclui, porém, a compatibilidade entre a hipótese do Monitor e modelos, como os de Exemplares, que colocam a variação *na* gramática, sem fazer distinção entre níveis subjacente (o da homogeneidade) e de superfície (o da variabilidade). Por admitir uma representação linguística rica, que integra tanto informações linguísticas quanto extralinguísticas, os Modelos de Exemplares conseguem abarcar, também, a representação de aspectos perceptivos, como detalharemos a seguir.

Essa proposta de representação do conhecimento linguístico surgiu de trabalhos na área de psicologia e foi admitida por linguistas, para tentar explicar fenômenos de interesse, em especial aqueles relacionados à variação linguística. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008, [1972]) já apontavam, nos primórdios do desenvolvimento da Teoria da Variação e Mudança (TVM), que o conhecimento linguístico é fundamentalmente heterogêneo, diferentemente do que sugeria o principal modelo da época, o gerativo. Para os autores, entretanto, essa heterogeneidade não é aleatória, mas ordenada, uma vez que é condicionada por fatores linguísticos e/ou sociais precisamente mapeáveis e, portanto, passíveis de descrição.

A Teoria de Exemplares se mostra bastante compatível com os princípios teóricos fundamentais da Sociolinguística, como o lugar central da variabilidade. Nessa teoria, o conhecimento linguístico é representado por nuvens de exemplares, que, na verdade, organizam muito mais do que informações estruturais, isto é, de natureza puramente linguística. Aos exemplares, são associadas informações precisas de indexação social, desde macrocategorias até detalhes mais finos.

Os exemplares, na verdade, representam categorias que se organizam de modo muito semelhante ao que propõe a noção de categorização da Linguística Cognitiva, que, cronologicamente, é anterior à formulação dos Modelos de Exemplares. A um exemplar prototípico (regulado por fatores de natureza quantitativa), são associados outros exemplares que se caracterizam por sua marginalidade em relação ao protótipo. Uma vez que a construção das nuvens de exemplares depende das experiências do indivíduo, a organização das categorias pode ser diferente na gramática de cada um.

Logo, se opusermos dois falantes que registram, respectivamente, as produções ['mez.mõ] e ['meh.mõ] para a palavra *mesmo*, podemos interpretar que o primeiro, possivelmente, tem a consoante [z] como prototípica,

---

<sup>7</sup> A elicitación do “lugar” do Monitor deve vir da realização de mais estudos de percepção, viabilizando as adequações necessárias aos modelos em vigor. Levon e Buchstaller (2015) e Freitag (2020), por exemplo, já levantam questionamentos sobre propriedades do Monitor originalmente propostas por Labov *et al.* (2011).

enquanto o exemplar prototípico do segundo é [fɨ]. Isso não significa, porém, que apenas um ou outro som figure na gramática de cada indivíduo, mas que a organização da categoria na gramática de cada um é diferente – resultado de um histórico de experiências distintas.

De modo semelhante, podemos interpretar a indexação social de formas linguísticas: diferentes atitudes, sejam elas positivas ou negativas, podem estar associadas a ['mez.mʊ] e ['mefi.mʊ], bem como detalhamento mais preciso sobre a situação comunicativa e os falantes que produzem cada uma das formas – homem ou mulher, rico ou pobre, novo ou velho, branco ou negro e assim por diante. A ativação de um exemplar, então, implica a ativação de todo conteúdo sociocultural a ele conectado na nuvem (Drager; Kirtley, 2016).

Por essa perspectiva, a mudança linguística pode ser entendida como mudança na organização de exemplares. Uma mudança de baixo para cima, por exemplo, implica a mudança de exemplares sociais de caráter estigmatizante associados a determinada categoria, como ['mefi.mʊ], para exemplares positivamente avaliados. O valor associado ao exemplar estimula maior frequência de uso, que, por sua vez, o leva ao centro da categoria, tornando-o um protótipo.

Assim, é explicitado que as nuvens de exemplares não são estanques, mas moldam-se com o tempo, de acordo com as experiências dos falantes. Com isso, um exemplar antes central pode tornar-se marginal ou mesmo ser desassociado da nuvem, a depender de sua frequência de uso, que pode variar de acordo com valores a ele associados. Percebe-se, assim, que o modelo admite interação direta entre produção e percepção no tratamento da variação e da mudança, em consonância com o que estipulam Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) no estabelecimento dos problemas empíricos para uma teoria da variação e mudança.

Tanto o Monitor Sociolinguístico quanto os Modelos de Exemplares são propostas cujas concepções são relacionadas à articulação entre estudos de percepção – com investigações tanto na linha de processamento quanto na de indexação da variação – e de produção sociolinguística. Diante disso, é explicitado que a percepção desempenha um importante papel na organização gramatical. Isso não significa, contudo, que análises de percepção devam ser privilegiadas em detrimento de estudos de produção. Há, na verdade, uma forte complementaridade entre métodos e objetos que contribui para o avanço dos estudos sociolinguísticos.

## 5 Palavras finais

Neste texto, buscamos esclarecer alguns termos importantes e frequentes em trabalhos de percepção sociolinguística e destacar as contribuições de estudos nessa linha para o desenvolvimento da linguística

teórica em sua configuração moderna. Vimos que percepção, avaliação e atitude, ainda que sejam correlacionados, podem ser interpretados como conceitos distintos. De um lado, a percepção é um processo muito mais generalizado. De outro, a avaliação pode ser entendida como um componente de atitudes, que, por sua vez, pode exercer influência tanto na percepção quanto na produção linguísticas. Constatamos, ainda, que, embora estudos de percepção tenham tido pouco espaço nos 30 anos que sucedem o surgimento da Sociolinguística, suas importantes contribuições têm ampliado nossa compreensão sobre a natureza do conhecimento (socio)linguístico e sobre seu papel no processamento, possibilitando o surgimento e a adequação de construtos teóricos e de modelos representacionais.

**Agradecimentos:** O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

## REFERÊNCIAS

- BYBEE, J. **Phonology and language use**. Cambridge: Cambridge, 2001.
- CARGILE, A. C. Speaker evaluation measures of language attitudes: evidence of information-processing effects. **Language awareness**, v. 11, p. 178-191, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1080/09658410208667055>
- CASASANTO, L. S. What do Listeners Know about Sociolinguistic Variation? **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, v. 15, n. 2, p. 37-49, 2010. Disponível em: <https://repository.upenn.edu/handle/20.500.14332/44744>. Acesso em: 10 jun. 2025.
- DRAGER, K.; KIRTLEY, M. J. Awareness, salience, and stereotypes in Exemplar-Based Models of speech production and perception. In: BABEL, A. M. **Awareness and control in sociolinguistic research**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 1-24
- FREITAG, R. M. K. Effects of the linguistics processing: palatals in brazilian portuguese and the sociolinguistic monitor. **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics**, v. 25, n. 2, p. 19-30, 2020. Disponível em: <https://repository.upenn.edu/handle/20.500.14332/45256>. Acesso em: 10 jun. 2025.

GARRET, P. **Attitudes to language**. New York: Cambridge University Press, 2010.

HOUAISS, A. Percepção. In: **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 3.0. Objetiva, 2009.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W.; ASH, S., RAVINDRANATH, M., WELDON, T., BARANOWSKI, M.; NAGY, N. Properties of the sociolinguistic monitor. **Journal of Sociolinguistics**, Oxford/Malden, v. 15, n. 4, p. 431-463, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9841.2011.00504.x>

LADEGAARD, H. J. Language attitudes and sociolinguistic behaviour: exploring attitude-behaviour relations in language. **Journal of Sociolinguistics**. Oxford/Malden, v. 4, n. 2, p. 214-233, 2000. DOI: <https://doi.org/10.1111/1467-9481.00112>

LEVON, E. O que soa “gay”? Prosódia, interpretação e julgamentos da fala masculina. **Todas as letras**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 165-181, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p165-181>

MIRANDA, L. S.; MORAES, J. A.; RILLIARD, A. Percepção audiovisual da entoação modal do português do Brasil. **Gradus: revista brasileira de fonologia de laboratório**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 47-70, 2020. DOI: <https://doi.org/10.47627/gradus.v5i1.148>

OPPENHEIM, B. An exercise in attitude measurement. In: BREAKWELL, G. M.; FOOT, H.; GILMOUR, R. **Social psychology: a practical manual**. London: Palgrave, 1982. p. 38-56

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.2015.tde-15062015-104952>

PIERREHUMBERT, J. Exemplar dynamics: word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. **Frequency effects and the emergency of linguistic structure** Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 1-19

POEPEL, D.; COGAN, G. B.; DAVIDESCO, I.; FLINKER, A. Speech perception: a perspective from lateralization, motorization and oscillation. In: **The Oxford handbook of Neurolinguistics**. New York: Oxford University Press, 2019. p. 647-675

RICKFORD, J. R. **African American Vernacular English: Features, Evolution, Educational Implications**. Oxford: Blackwell, 1999.

SILVA, H. C.; AGUILERA, V. A. O poder de uma diferença: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. **Alfa**, São Paulo, v. 58, n. 3, p. 703-723, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1409-8>

SQUIRES, L. Processing Grammatical Differences: Perceiving versus Noticing. In: BABEL, A. M. **Awareness and control in sociolinguistic research**. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 80-103. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139680448.006>

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

WOLFRAM, W. **A Sociolinguistic Description of Detroit Negro Speech**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1969.

*Recebido em junho de 2025.*

*Aprovado em novembro de 2025.*

*Publicado em dezembro de 2025.*

## **SOBRE O AUTOR**

**Gabriel Sales Duarte Bezerra** é mestre e doutorando em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vinculado à linha de pesquisa Fonética, Fonologia e Morfologia do português.